

C14

CRISTIANISMO E CULTURA

# BROTÉRIA

VOLUME 182

4

ABRIL 2016

BROTÉRIA

EDITORIAL

**A polémica dos colégios**

ANTÓNIO VAZ PINTO, S.I.

**Barrigas de aluguer**

MIGUEL ALMEIDA, S.I.

**Uma Quaresma em Ano de Misericórdia. Um Deus de misericórdia**

FRANCISCO SARRFIELD CABRAL

**A terceira margem do Sertão roseano**

I. ALVES PIRES, S.I.

**A ideia nacionalizante de Portugal na obra do Abade de Baçal**

JOSÉ EDUARDO FRANCO

**A ideia de Decadência**

EMANUEL GUERREIRO

**Jogos da Lusofonia: o reerguer do *Quinto Império* sob a égide do desporto**

RUI PROENÇA GARCIA E ANTÓNIO CAMILO CUNHA

ARTES E LETRAS

**José Joaquim Rodrigues Primavera**

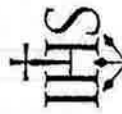
JOÃO CAETANO SAMEIRO

REVISITANDO A BROTERIA

**Acção Católica – Carta de Pio XI ao Cardeal Cerejeira**

RECENSÕES

ABRIL 2016



REVISTA PUBLICADA PELOS JESUÍTAS PORTUGUESES DESDE 1902

C14

**Director**

*António Váz Pinto, S.J.*

**Conselho de Direcção**

*António, Júlio Trigueiros, S.J.  
Francisco Correia, S.J.*

**Conselho de Redacção**

*António, Júlio Trigueiros, S.J.  
António Vasconcelos de Saldanha  
Carlos Gaspacho  
Francisco Correia, S.J.  
Francisco Malla Roméisiz  
Francisco Sarsfield Cabral  
Guilherme d'Oliveira Martins  
Henrique Leitão  
Joaquim Sepúlveda  
José Carlos Seabra Pereira  
Miguel Braga da Cruz  
Miguel Corrêa Monteiro*

**Recensão e Crítica**

*Francisco Pires Lopes, S.J.  
Isidro Ribeiro da Silva, S.J.*

**Bibliotecário**

*António, Júlio Trigueiros, S.J.*

**Secretariado**

*Ana Maria Pereira da Silva  
Ana Rodrigues  
Isabel Tovar de Lemos*

**Propriedade**

*Brotéria - Associação Cultural e Científica  
NIPC 503312070*

**Direção, Administração,  
Assinaturas e Distribuição**

*R. Maestro António Taborda, 14 • 1249-094 Lisboa  
Tel. 21 396 16 60 - Fax 21 395 66 29  
E-mail: [brotéria@gmail.com](mailto:brotéria@gmail.com) Site: [www.brotéria.pt](http://www.brotéria.pt)*

**Design Gráfico**

*Teresa Olazabal Cabral*

**Impressão e acabamentos**

*MINHOCRAVE - Artes Gráficas, Lda.  
BRAGA - Portugal*

**ÍNDICE**

**329 EDITORIAL**

*António Váz Pinto, S.J.*

**A polémica dos colégios**

*Miguel Almeida, S.J.*

**As barrigas têm coração**

*Francisco Sarsfield Cabral*

**Uma Quaresma em Ano de Misericórdia**

**Um Deus de misericórdia**

*347 J. Alves Pires, S.J.*

**A terceira margem do Sertão roseano**

*371 José Leão Franco*

**A ideia nacionalizante de Portugal na obra do Abade do Baçal**

*381 Emanuel Guerreiro*

**A ideia de Decadência**

*393 Rui Proença Garcia e António Camilo Cunha*

**Jogos da Lusofonia: o reerguer do Quinto Império sob a égide do desporto**

**403 ARTES E LETRAS**

*João Caeetano Sampaio*

**José Joaquim Rodrigues Primavera**

**413 REVISITANDO A BROTERIA**

**Carta de Sua Santidade a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca**

**419 RECENSÕES**

**430 OBRAS RECEBIDAS**

os colégios como irá o Estado tomar real a liberdade de escolher? Onde fica a liberdade efectiva?

- E os professores que "sobram"? Irão para a prateleira? Será o Estado a integrá-los nas escolas públicas? E quem suportará os custos? Uma vez mais será o "holso do esgotado contribuinte"?

- Não são os cidadãos comuns, através dos impostos, que pagam o Ensino dos seus filhos? E pagando, não terão direito a escolher o onde e o como?

Não, não se trata apenas de evitar uma injustiça, não gastando mais em "meninos ricos e betinhos". Esse simplismo não pode ajudar a ver claro e a decidir bem.

Muitas outras questões poderiam e deveriam ser colocadas. Então, sem pressa e pondo de lado preconceitos ultrapassados, certamente que uma solução justa pode ser encontrada. Mas... só então!

## Neste número da *Broteria*

Para além do **Editorial** – "A polémica dos colégios", assunto candente ao qual a *Broteria* não se pode furtar, outra matéria fracturante vem até nós – as barrigas de aluguer, com um interessante artigo do P. Miguel Almeida, S.J..

Francisco Sausfield Cabral oferece-nos a sua perspectiva não sobre a Economia, mas sobre a Misericórdia, neste Ano Jubilar precisamente consagrado à misericórdia.

O reconhecido literato P. José Alves Pires, S.J., regressa felizmente às nossas páginas com um interessante artigo sobre o seu autor de referência, o grande escritor brasileiro João Guimarães Rosa. Bem-vindo!

Apesar de parecer o contrário, a ideia de decadência não é estéril nem apenas negativa; é o que nos ajuda a ver Emanuel Guerreiro, na sua proposta.

Figura interessantíssima da cultura portuguesa e em especial de Trás-os-Montes, na sua agudeza indiscutível, o Abade de Baçal, bem

situado no espaço e no tempo, não se cinge ao seu "sítio", antes se a horizontes mais largos e universais; é a janela, aberta para nós José Eduardo Franco.

Conferências, encontros, palestras, (des)acordo ortográfico conjunto de "factos" que ligamos habitualmente à ideia de lusofo por que não também o desporto, cada vez mais universal? É o que propõem Rui Proença Garcia e António Camilo Cunha.

Em "**Artes e Letras**": Poucos conhecemos o artista miniaturista Rodrigues Primavera; João Sameiro ajuda-nos a conhecer melhor este deste artista de renome.

Em "**Revisitando a Broteria**": O Papa Pio XI, por ocasião um outro Jubileu, o Jubileu da Redenção, propôs à Igreja uni a constituição da chamada Acção Católica, que teve relevante significado em toda a Igreja, sobretudo ocidental, até há bem pouco tempo. Neste contexto, e de grande interesse, histórico e eclesial, conhecimento desta curta oficial do Papa ao então Cardeal Patriarca Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Com as **Recensões e Novos Livros**, está pronto mais este número da nossa Revista *Broteria*.

### Nota da Direcção:

O artigo de Joaquim Sapinho, "A *escada de Girard*", publicado no número anterior (n.º 3, Março 2016), é uma homenagem do autor a Guill d'Oliveira Martins.

## Jogos da Lusofonia: o reerguer do Quinto Império sob a égide do desporto<sup>1</sup>

Rita Prazeres Gó  
Abelino Cabral

Portugal, desde o dia 9 de março do presente ano, tem um novo Presidente da República. Logo a iniciar o seu mandato, o Doutor Marcelo Rebelo de Sousa enfatizou a importância da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), como ficou patente no seu discurso de tomada de posse, na exposição sobre a política externa na apresentação de cumprimentos pelo Corpo Diplomático (10 de março) e na sua alocução por ocasião da visita à sede da CPLP (14 de março)<sup>2</sup>. No conjunto destas intervenções é de realçar a seguinte expressão proferida na primeira pessoa aquando da visita à sede da CPLP: *quero afirmar a relevância privilegiada que atribuo à CPLP*.

O desporto, enquanto atividade universal, não tem estado indiferente a esta preocupação do Presidente da República, sendo um elo entre diversos países, povos e culturas fruto da diáspora<sup>3</sup> lusitana. Note-se que o Presidente da República, aquando dos cumprimentos pelo Corpo Diplomático, fez-se acompanhar de quatro vultos importantes do nosso tempo, dos quais três eram desportistas<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Universidade do Porto, Faculdade de Desporto.

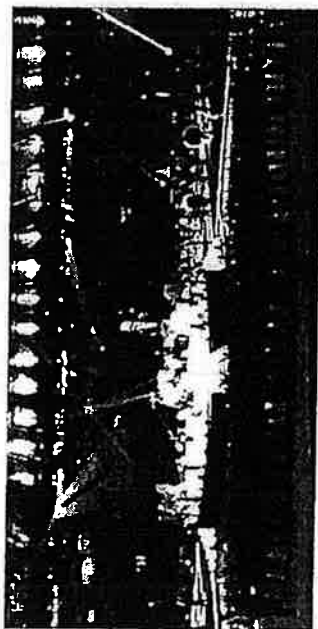
<sup>2</sup> Universidade do Minho, Instituto de Educação.

<sup>3</sup> Embora com sensíveis alterações, seguintes um ponto do livro de nossa autoria intitulado *Os Jogos Olímpicos sob o signo da utopia*, Comité Olímpico de Portugal, Visão e Contextos, Lisboa.

<sup>4</sup> Estas intervenções estão disponíveis no site da Presidência da República (*www.presidencia.pt*).

<sup>5</sup> Embora esta palavra seja habitualmente aplicada ao povo judeu em especial depois do seu exílio babilónico, significa dispersão de povos, tendo origem na palavra grega *diáspora*.

<sup>6</sup> Referimo-nos a Naldo Gomes, Nelson Évora (facionalmente ausente da referida sessão) e Francis Obikwele, para além da fadista Mariza.



Quando falamos de CPLP surge de imediato o conceito de lusofonia<sup>5</sup>. Não interessa discutir se é a palavra correta para identificar a língua e cultura portuguesas pelo mundo. Com essa palavra uma expressão emerge naturalmente no horizonte: *Quinto Império*<sup>6</sup>.

Podem parecer estranho que no desporto haja quem intente discutir subordinados ao *Quinto Império*. Porém, esta expressão habita a diversidade dos lugares humanos, sendo o desporto um desses locais. Muito recentemente, nas páginas da *Bravéria*, Avelino de Freitas Meneses defendia a ideia que no Império do Espírito Santo *cabem todos, crentes e não crentes, porque a devoção concilia o sagrado e o profano*<sup>7</sup>. O desporto é uma janela privilegiada para se avistar a dialética do sagrado-profano na sociedade contemporânea, sendo já vasta a produção científica nesta área do pensamento<sup>8</sup>.

Muitas vezes o tempo corrói o sentido das palavras ou de expressões. Há quem veja no *Quinto Império* uma alusão a um passado colonial, evado de um saudosismo imperial, cujo território ia do Minho a Timor. Foi um facto que Portugal construiu um império pluricontinental. Tal obra não pode ser negada. Pensar nesse imenso império não significa querê-lo de volta. Não! Nostalgia ou a portuguesíssima saudade não têm necessariamente de significar permanência ou regresso a um tempo ido. Mas esquecê-lo ou renegá-lo não apaga a sua anterior existência, nem faz desaparecer os seus significados cultural e civilizacional que efetivamente possui.

5 Importa realçar que há os Jogos da CPLP, para jovens até 16 anos de idade, e os Jogos da Lusofonia, que resulta de uma iniciativa da Associação dos Comitês Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa. Tanto num caso como no outro, a identidade da competição provém da língua portuguesa.

6 Atualmente, em nome do "politicamente correcto", há algum receio em pronunciar esta expressão. Não a recusamos porque tem uma valência muito para além daquela conotada com o colonialismo.

7 São várias as referências ao *Quinto Império* sob a égide do Espírito Santo por parte de Agostinho da Silva.

8 Avelino de Freitas Meneses, "O Império do Espírito Santo: o caso das Açores", *Bravéria* 182 (2016): 85-90.

9 A Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, não sendo pioneira, há muito que reflete o desporto na perspectiva mico-religiosa. Esta visão está expressa em livros, artigos, dissertações de doutoramento, trabalhos de pós-doutoramento, conferências, cursos, etc.

O *Quinto Império*, aqui metaforicamente trazido, não significa qualquer desejo neocolonialista, mas tão-somente a consciência de que nos cinco continentes há povos que sonham em português. O no: *Quinto Império* constrói-se sob o signo dos valores do desporto e imunam uma mensurável comunidade de âmbito universal. Não es: mos a resgatar quaisquer outras configurações atribuídas a esta expr: são. O jogo da utopia, de onde provém o *Quinto Império*, decorre: muitos tabuleiros. Também acontece no desporto.

Repetimos que admitimos a estranheza de ver consignado, n: artigo que pretende dissecar desporto, uma alusão ao mítico *Qui: Império*, notável construção que teve no Padre António Vieira o: grande obreiro<sup>10</sup>. Concordamos que o conceito original de *Qui: Império*, na ordem de sucessão e de tempo, se tenha perdido atra: dos séculos, restando apenas uma designação nostálgica para Portug: mas despida do seu valor essencial.

Ao falar-se da utopia<sup>11</sup> do *Quinto Império* impõe-se que falen: do insigne jesuíta que o desenvolveu. Note-se que Thomas More, sua *Utopia*<sup>12</sup>, coloca um marinheiro português como narrador. Naqu: tempo, século XVI, Portugal tinha um significado tendencialmente u: versal e universalista. Hoje, vivemos na periferia da importância políti: mas nem sempre foi assim, nem terá de ser assim para sempre. Uto: Talvez, mas utopia é ao mesmo tempo lembrança e desejo.

10 Há referências mais antigas à utopia do *Quinto Império*, mas foi com Vieira que a i: se projectou. Não podemos esquecer Bandarra, o *Separeiro de Trancoso*, que ficou conhe: pelta suas trovas messiánicas.

11 Na estufa de Luís Sebastião e Manuel Ferreira Patrício, consideramos que utopia é o li: que ainda não há, mas que um dia pode vir a haver, no limite, que um dia haverá. In *Cor: cinto do Alentejo e da Vila. Passos Para uma Pedagogia da Saúde*, Universidade Abi: Lisboa, 2004, p. 118. Utopia é uma palavra gerada do grego por Thomas Morus, pode: significar o não lugar (*ou-topos*) ou o lugar da felicidade (*eutopos*).

12 Thomas Morus, *Utopia*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, com um Estudo Introd: do à Utopia Moriana por José V. de Pina Martins, traduzida e comentada por Aires A. N: mento (edição de 2006). A primeira edição é de 1516, o que significa que estamos a cele: o seu quinto centenário.

Padre António Vieira, um dos maiores artesãos da palavra alta<sup>13</sup>, sonhou o imenso. Só grandes homens o podem fazer. Sonhou com um império que se seguiu a quatro grandes impérios do passado, liderados por Nabucodonosor (da Babilónia ou dos Assírios), por Ciro (da Pérsia), por Pérciles (da Grécia) e por César (de Roma). O novo império seria o Império Universal Cristão, sob o signo da religião, liderado pelo Rei de Portugal ressuscitado, D. João IV, um império ao mesmo tempo espiritual e temporal<sup>14</sup>. Diz Vieira em *História do Futuro: Chamamos Império Quinto ao novo e futuro que mostrará o discurso desta nossa História; o qual se há de seguir ao Império Romano na mesma forma de sucessão em que o Romano se seguiu ao Grego, o Grego ao Persa e o Persa ao Assírio*.

Atualmente, a noção de *Quinto Império* é outra, sendo a mesma coisa, ampliando assim o seu campo semântico. O *Quinto Império* aqui apresentado não se liga apenas à religião, mas a uma visão mais recente, sugerida, em pleno século XX, através da escrita de grandes poetas-pensadores.

Portugal pode ser considerado como um país de grandes utopistas, encimado como é justo fazê-lo, pelo Padre António Vieira e bem secundado por Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e, num outro sentido, mais ligado à *harmonização das relações humanas pela afirmação dos valores tutelares associados ao universo feminino*, a Natália Correia<sup>15</sup>. Séculos XVII e XX estão, assim, irmanados por grandes nomes da cultura onde a ideia do *Quinto Império* sobressai, em especial pelas mãos dos dois primeiros autores citados, embora Agostinho da Silva dissesse que o *Quinto Império* será o *restaurar da criança em nós e em nós a*

corarmos imperador; eis aí o primeiro passo para a formação do império<sup>16</sup>. Disse, ainda, que os Portugueses poderão ir para o *Quinto Império* se decidirem, em primeiro lugar, não serem imperadores. *Iste é o ponto essencial da questão. Paradoxalmente, apenas haverá um Quinto Império se não existir um quinto imperador<sup>17</sup>.*

Um pouco nesta mesma linha, pelo menos no nosso entendimento, Manuel Aegreé, no alto da sua excelência poética, escreveu que *talvez o Quinto Império seja afinal o fim de todas os impérios<sup>18</sup>*. A lusofonia, que vem de dentro de nós<sup>19</sup>, pode ser a nossa grande utopia contemporânea. Pode ser a razão da comunhão universal de povos fisicamente distantes, mas culturalmente convergentes.

Vieira via o *Quinto Império* sob a égide da religião. Pessoa da cultura e Agostinho da Silva uma *era da assimção do domínio sereno da inocência infantil pela diluição das hierarquias contra a estreiteza da ordenação da racionalidade ortodoxa e pela miscigenação de todas as raças ao sabor do exemplo português<sup>20</sup>*. São visões diversas onde sobressai a ideia da língua e cultura portuguesas, daí Fernando Pessoa ter exclamado *Minha Pátria é a língua portuguesa!*<sup>21</sup> Os Jogos da Lusofonia mostram que, através do desporto, o *Quinto Império* cultural é possível e desejável. A nossa língua comum tem uma enorme capacidade de unificar povos, mesmo que, em certas ocasiões, se tenham dilapidado. Qual símbolo, Pérciles foi o imperador do passado mítico do olimpismo. A Lusofonia, sem imperador, consubstancia o tempo presente.

16 In [http://revista.abrigar.net/documentos/TEXTOS\\_INTRODUÇÃO\\_AGOSTINHO\\_DA\\_SILVA\\_5imprio.pdf](http://revista.abrigar.net/documentos/TEXTOS_INTRODUÇÃO_AGOSTINHO_DA_SILVA_5imprio.pdf) (consultado no dia 12.01.2015).

17 In <http://observatorio-lp.sapo.pt/publicacoes/sitios-de-interesse/historia-d-lingua/agostinho-da-silva> (consultado no dia 12.01.2015).

18 Manuel Alegre, *Jornada de África*, Dom Quixote, Lisboa, 1989, p. 231.

19 *Ibidem*.

20 José Pinto Casquilho. In [http://revista.abrigar.net/documentos/revista/numero\\_07/jose\\_casquilho/individes.html](http://revista.abrigar.net/documentos/revista/numero_07/jose_casquilho/individes.html) (consultado no dia 12.01.2015).

As frases atribuídas a Filip de Queirós, para quem o brasileiro é o português — dilatado) e a Agostinho da Silva, que defendia que o brasileiro é o português à solta, ilustram o pensamento exposto.

21 Fernando Pessoa [Bernardo Soares], *Livro do Desassossego* (edição de Richard Zenith), Assírio & Alvim, Lisboa, 1998, fragmento 259, p. 255.

13 Fernando Pessoa designou-o como *Imperador da Língua Portuguesa*. In *Poesia do Rei* (edição de Richard Zenith). Circulo de Leitores, Lisboa, p. 374.

14 Esta dupla natureza do *Quinto Império*, espiritual e temporal, não era tema pacífico no tempo de Vieira. Foi duramente interrogado pelo Santo Ofício que defendia que as Escrituras só no Reino espiritual faziam alusão [Heráclito Cláudio, *Biografias da História de Portugal Padre António Vieira*, 2004, p. 61]. Vieira, em *A Chave das Profetas* (p. 31), enfatiza este duplo poder a que os Dominicanos se opunham. In *Obras completas* (30 volumes), Circulo de Leitores, Lisboa (edição de 2013).

15 José Pinto Casquilho. In [http://revista.abrigar.net/revista/numero\\_07/jose\\_casquilho/individes.html](http://revista.abrigar.net/revista/numero_07/jose_casquilho/individes.html) (consultado no dia 12.01.2015).

O desporto tem mostrado que há novas rotas para as pessoas, não se confinando à rota do *Quinto Império* de Vieira, sistematicamente de Portugal para outros países ou continentes.

O ilustre jesuíta defendia que o *Quinto Império* seria fundado em Lisboa, o que pode levar-nos a pensar que, na atualidade, o povo português não deverá deixar para outros povos que se exprimem na língua de Camões a tarefa de (re)construir a ideia deste *Quinto Império*.

Porém, hoje as rotas são múltiplas, cenúpeias e cenúrfugas, não se reduzindo a uma única via, orientando-se para todas as direções da rosa-dos-ventos.

Geograficamente, Portugal não ocupa o centro da lusofonia. Essa centralidade estará algures na área de São Tomé e Príncipe, o que dá razão a Agostinho da Silva, quando baseava a ideia do *Quinto Império* numa filosofia capaz de abrange a liberdade, sem ter na base uma terra. O novo *Quinto Império* é cultural, e o desporto tem tentado reconstruí-lo através dos Jogos da Lusofonia.

Os Jogos da Lusofonia não poderão ter a sua alma em Lisboa. Também está em Lisboa, mas terá de estar presente em todos os territórios onde a cultura portuguesa acontece e possui um sentido elevado para esses povos. Pode e deve estender-se para fora da CPLP, mesmo considerando que esta Comunidade de Países de Língua Portuguesa já tenha como membro um país onde o português não é língua falada. Os Jogos da Lusofonia deverão pugnar por serem Jogos da Comunidade dos Países de Cultura Portuguesa, estes sim os que edificam um moderno *Quinto Império* sob a égide do desporto.

Os Jogos da Lusofonia existem porque, um dia, um visionário qualquer quis o mar que era do Adamastor. Esse *mar oceano* foi vencido, sendo os Jogos uma expressão sentida dessa vitória.

Aceitamos que o nome dos Jogos possa não ser o mais feliz, mas isso não importa. Tanto não importa que o Sri Lanka, antigo Ceilão, esteve presente na primeira edição dos Jogos, realizados em Macau. Seria bom que em todas as futuras edições destes jogos estivesse presente a Tailândia, o antigo Reino do Sião, que Camões imortalizou:

*Cumprindo o curso estou da natureza,  
Vê-se me esquecer de ti, Sião!*

Ou ainda:

*Junto aos rios da Babilónia,  
Assentando-nos a chorar  
Lembrando-nos de Sião!*

São muitos os povos irmanados pelo poema épico de Camões. São esses os povos que se encontraram em Macau para a peleja desportiva. Foram e serão esses os povos, mais outros que assim desejarem, que se reuniram em Lisboa, em Goa, e que se reunirão em Moçambique, na Guiné, em Timor, em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe e *nesse imenso Portugal* que é o Brasil.

Sabemos que não é tarefa fácil ultrapassar alguns desentendimentos surgidos após centenas de anos de relações, muitas vezes tensas e tumultuosas, entre os povos constituintes da CPLP. Permanecem este-reótipos dessas relações, mesmo quando não damos a devida conta disso. No campo das relações internacionais, ainda se cultivam conceitos que o tempo invalidou. Cultiva-se a raça e não a Pessoa Humana. Cultiva-se a diferença, para acentuar o predomínio de uns sobre todos os outros, e não a antropodiversidade. Nem sempre a forma como tratamos outros povos se rege pelo superior princípio universal da dignidade humana. Daí a necessidade de termos presente, neste *Quinto Império* desportivo, o cuidado de Agostinho da Silva, para que ninguém ouse pensar ser o imperador.

Não cremos nem queremos que o poder económico de um país, por vezes circunstancial, se sobreponha à cultura, nem que a originalidade, isto é, a origem da cultura, se sobreponha aos restantes países na condução do Império desportivo. A supremacia de quem quer que seja deverá ser apenas aquela alcançada no *campo desportivo*. Não quer isso significar que a lusofonia não almeje o papel de forte protagonista no seio da comunidade internacional, para mais num tempo onde o futuro cada vez está mais próximo do presente.

Sem dúvida que Portugal difundiu um ideal humanista e humanizante de forte matriz cristã pelas terras que foi conhecendo e dando a conhecer ao restante do mundo. Gerou uma rede universal a partir de territórios dispersos, criando um vínculo único que importa não desbaratar.

Em 2013, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, realizou-se uma sessão da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, AULP. A certa altura, alguém da plateia pediu a palavra para afirmar a louvável estranheza de estar num congresso que envolvia países de cinco continentes e não ser necessário o sistema de tradução simultânea para se compreenderem todas as comunicações. Quer queiram quer não, a língua, não apenas por si, mas enquanto veículo de uma cultura e de uma afetividade sem iguais, permite criar condições para o estabelecimento de uma comunidade transcontinental, onde o pronome "nós" se superioriza a qualquer outro. Note-se que este "nós" é muito mais do que o plural de "eu", querendo significar "todos".

Alguns discursos pouco avisados sobre a lusofonia podem ser entendidos como uma tentativa de restaurar a velha ideia do *Quinto Império* localizado em Portugal, como se o nosso país ainda fosse o centro do universo. Não será fácil entabular um discurso livre de clichés, quando, ao longo das nossas vidas, fomos constantemente sujeitos a construções depreciativas sobre o *outro*, mesmo que esse *outro* seja um de *nós*. As manifestações racistas ocorridas em campos de futebol mostram quão afastados estamos do ideal humano da dignidade em total plenitude.

Os jogos da Lusofonia, exatamente por convocarem uma enorme diversidade cultural, seja política, religiosa, geográfica ou outra onde incluímos a linguística, demonstram que é possível a sua convivência de uma enorme comunidade imanada por valores comuns. Se há uma herança que vem do passado, esse legado é axiológico<sup>22</sup>, situa-se ele no campo do desporto ou no amplo campo da cultura.

Está na hora, ou na utopia pessoal é a hora<sup>23</sup>, de darmos dimensão aos jogos da Lusofonia.

Utopia? Sim, mas o que seria da vida humana sem utopias?

Os primeiros jogos da Lusofonia foram disputados em Macau, no ano de 2006.

22 A expressão de legado axiológico foi utilizada por Alberto Monteiro no seu projeto de pós-doutoramento realizado na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (2015-2016).  
23 *Pressões do Eu*, p. 379.

Foi lá, bem longe, que povos de países tão distantes de nós como Brasil, Angola e Timor se reuniram em torno do ideal do engrandecimento da língua portuguesa. Sim, dado que esses jogos tiveram como "causa causante" a nossa língua. Pode ser falada com modulações diferentes, seja o doce entonar tropical, seja com o sofrido toque de Timor, o primeiro país a tornar-se independente no terceiro milénio, mas é português.

Podem dizer os detratores que são jogos artificiais de uma comunidade virtual. Podem dizer tudo o que entenderem, mas não conseguem negar que os jogos se realizaram, que a saudade esteve presente, que a extraordinária cultura portuguesa perpassou todos aqueles que estiveram presentes em Macau.

Macau é uma cidade deslumbrante. Tal como qualquer outra, terá coisas más. Mas, quando vemos a famosíssima Igreja de São Paulo, mesmo que sejam só as suas ruínas, o Leal Senado e tantas outras construções antigas que por lá abundam, a sensação que temos é o que pensamos é: "do que nós fomos capazes". A genialidade portuguesa manifesta-se por toda a cidade. Em Macau, tirando os poucos portugueses que por lá restam, quase ninguém entende o português. Mas a cultura portuguesa está embrenhada naquelas ruas e vielas que hoje fazem parte do património da humanidade; é por isso que, em Macau, sentimo-nos como em Portugal, embora tenhamos de falar numa língua que não é a nossa. Lá, é mesmo Portugal! É um naco da nossa cultura engravado num país imenso, a China. Respira-se lusitanidade!

Realizar os primeiros jogos da comunidade lusófona em Macau revestiu-se, assim, de um profundo significado simbólico. Mais uma vez, o desporto conseguiu unir aquilo que, por vezes, outros afastam. Quem nos dera ver *amanhã* um qualquer encontro de médicos, engenheiros, escritores, músicos, pintores, escultores, professores<sup>24</sup> ou de empresários sob a égide da lusitanidade. Seria muito bom aprofundar as nossas mais íntimas relações com povos que há muito se encontraram e pertencem ao mesmo país. Saudosismo? Colonialismo ou neocolonialismo?

24 Em 2014 a Associação de Universidades de Língua Portuguesa realizou o seu encontro anual na Universidade de Macau.



Não! Seguramente que não. Ninguém de agora tem culpa do passado. Mesmo que o balanço entre o "deve e o haver" civilizacional pendesse para aspetos negativos, que não cremos que tenha acontecido, não poderíamos, nem podemos renegar aquilo que foi feito.

Não assistimos aos Jogos, mas conhecemos Macau. Também já tivemos a felicidade de ter visitado Goa, a Roma do Oriente. Em ambos os casos, vimos muitas coisas, vimos uma enorme nostalgia e apreciamos aquele profundo sentimento que só os luso-falantes, galegos incluídos através da poetisa Rosália de Castro, compreendem: SAUDADE.

Os Jogos da Lusofonia são também os jogos da saudade. Não daquilo de errado que foi feito através dos tempos; não dos desvios e desvarios civilizacionais que foram cometidos; não do império caduco que se quis manter para além do razoável. Disso não há nem poder haver saudade. Saudade, mas do tempo em que culturas se encontraram; do tempo em que pessoas tão díspares, até no aspeto físico, tiveram sonhos comuns; do tempo, que é o de hoje, em que todos esses povos sonham numa mesma língua, contemplam sítios monumentais comuns, se entusiasmaam a ver futebol e choram pelos mesmos motivos; do tempo futuro do qual também se sente saudade.

De tudo isto houve um pouco em Macau. Chorou-se em português. E foi nesse choro que o *Quinto Império*, sob a égide do desporto, se reergueu.

## Artes e Letras

### José Joaquim Rodrigues Primavera

#### Novos elementos para o seu estudo

João Caeiro da Silva

A historiografia reservou a José Joaquim Rodrigues Primavera um lugar especial na história da pintura em miniatura. São vários os autores que lhe reconheceram a mestria. A sua minuciosa técnica e traço elegante e realista são comumente exaltados pelos historiadores de arte, mas pouco nos disseram acerca da sua vida privada. Chega-se mesmo a verificar alguns descuidos quanto à biografia do autor, que conduziram a uma visão errada da sua vida.

As imprecisões prendem-se, antes de mais, com aspectos aparentemente simples: a data do seu nascimento e da sua morte. Carmen Espinosa Martín, no seu eclético *catalogue raisonné* das miniaturas do Museu Nacional do Prado, apresenta 1793 como o ano de nascimento de Primavera, quando na verdade nasceu dez anos depois. Em defesa de Espinosa Martín, convém salientar que não foi a primeira vez que se situou o nascimento de Primavera em 1793. Na verdade, muitos autores seguiram os dados biográficos fornecidos por Júlio Brandão no seu célebre livro *Miniaturistas Portugueses*, onde diz que o pintor teria nascido em Lisboa no ano de 1793.<sup>1</sup>

Numa tentativa de ampliar a informação biográfica de Primavera, procurámos os seus assentos de baptismo e de óbito. A busca circunscreu-se à paróquia da Encarnação, da cidade de Lisboa, pois segundo Brandão era nesta freguesia que havia residido o pintor, precisamente

<sup>1</sup> King's College de Londres.

<sup>1</sup> Júlio Brandão, *Miniaturistas Portugueses*, Litografia Nacional, Porto, 1933, pp. 104-105.

